

Liev Tolstói

Os últimos dias

As realizações artísticas de Liev Tolstói (1828-1910), comparadas às de gigantes da literatura ocidental como Goethe (1759-1832) e Dante (c. 1265-1321), encontram sua mais consagrada expressão nos romances de cunho realista das décadas de 1860 e 1870, como *Guerra e paz* (1869) e *Anna Kariênina* (1878), que figuram com frequência nas listas de maiores obras-primas de todos os tempos. No entanto, a importante produção tardia de Tolstói tem sido algo ofuscada pela fama universal desses grandes livros. Uma amostra significativa dos textos filosóficos, críticos, políticos e religiosos, bem como das cartas e diários escritos após a profunda crise espiritual sofrida pelo autor no final da década de 1870, que culminaria com *Uma confissão* (1878-82), encontra-se reunida em *Os últimos dias de Tolstói*. Após o pequeno livro-marco em que relata o reconhecimento da existência de Deus e a experiência de sua conversão, Tolstói muda radicalmente o curso de sua vida e de sua carreira. Abandonando o sexo, o fumo e o álcool - três dos pilares de sua dissoluta juventude de aristocrata ocioso -, denunciando as mazelas da propriedade privada e preconizando uma filosofia híbrida entre o cristianismo e o anarquismo, pretendendo inclusive renunciar aos direitos autorais de sua já extensa obra, recolhe-se a uma vida contemplativa na casa de Iásnaia Poliana, no Volga, levando a missão de guia espiritual ao primeiro plano de sua existência.

Se é verdade que, entretentes, romances seminais como *A morte de Ivan Ilitch* (1886) e *Ressureição* (1899) continuaram a mobilizar a pena prolífica do encanecido escritor, a centralidade do discurso confessional em sua obra tardia indica, como destaca Jay Parini na introdução ao volume, a radicalidade de sua negação do *establishment* russo, especialmente nas esferas estatal e eclesiástica - que se confundem no regime czarista. Ilustra-o o fato de que, entre os pequenos textos ficcionais reunidos, os contos “Onde está o amor, Deus também está”,

“Aliocha, o Pote” e “Três perguntas” consistem em agudas parábolas morais sobre a fé verdadeira; o mito indígena recontado em “O trabalho, a morte e a doença” tematiza o pecado original e denuncia a natureza autodestrutiva da humanidade sem Deus.

Em seu tempo as ideias de Tolstói a respeito da política europeia e do capitalismo eram consideradas revolucionárias. O autor de *O reino de Deus* está em vós preconiza uma refutação implacável do patriotismo e do colonialismo à luz da doutrina de Cristo. Tolstói converte-se num verdadeiro profeta da paz e da tolerância, vivendo na prática mais estrita a máxima cristalizada em *Uma confissão*: “viver a vida de verdade e, acatando o sentido que a verdadeira humanidade dá à vida e absorvendo-o, comprová-la”.

1. Em *Uma confissão* (1882), Tolstói lamenta-se pela descrença e pela observação insincera dos ritos da Igreja Ortodoxa que marcaram sua juventude. Após sua conversão, o escritor ilustra a “reviravolta” ocasionada pela descoberta de Deus com uma metáfora de ressonâncias bíblicas. Qual é ela?

Tolstói compara o curso de sua vida à labuta de um remador que, após tentar arduamente manter-se à tona nas águas de um rio caudaloso, abandona-se à tentação de acompanhar a direção indicada pela maioria dos navegantes. Assaltado diversas vezes pela ideia de suicídio, o escritor subitamente percebe que a descrença, a ganância e o egoísmo predominantes, assim como a queda fatal nos rochedos da cachoeira que a agitação do rio anuncia, são o rumo contrário de Deus, situado na outra margem da vida. Sem obter da leitura dos filósofos uma explicação convincente para o sentido da existência, Tolstói compreende que “a margem era Deus, a direção era a tradição, os remos eram a liberdade que me foi dada para chegar até a margem a fim de unir-me com Deus”. O escritor ecoa o episódio dos Evangelhos em que Jesus e seus discípulos, durante a travessia do mar da Galileia, são surpreendidos por uma tempestade. Jesus - num de seus primeiros milagres (Mateus 8, 23-27) - apazigua as águas e os ventos, salvando os discípulos e condenando-lhes a falta de fé. (*Uma confissão*, XII).

2. Em seguida, no capítulo XV, como Tolstói explica o paradoxo de que sua conversão ao cristianismo passe pela rejeição da Igreja Ortodoxa?

O escritor deplora o sectarismo da hierarquia eclesiástica russa, para quem “zelar pela pureza da religião greco-russa ortodoxa transmitida por nossos antepassados” implicava a negação violenta das demais

religiões. Denunciar a falsidade da doutrina sob a qual os demais irmãos vivem é, segundo Tolstói, uma grande ofensa, e a tendência à anulação, e mesmo à aniquilação física das religiões rivais, é a primeira grande questão colocada por Tolstói para explicar a impossibilidade de diálogo com a Igreja Ortodoxa. A segunda é a sua submissão aos interesses do Estado czarista, demonstrada pela entusiástica participação do clero russo na campanha “patriótica” pelo “assassinato de jovens desamparados e perdidos”. Trata-se de uma alusão à guerra russo-turca de 1877-8, cujos horrores coincidem com a fase aguda da crise espiritual do escritor. (*Uma confissão*, XV)

3. Por que, para Tolstói, o jejum e a abstinência de carne são etapas necessárias da “aspiração à vida boa”? Segundo o exposto em *O primeiro degrau* (1891), em que se baseia essa “vida boa”?

Trata-se, segundo o autor, de trabalhar pela “realização do reino de Deus na terra”. Uma vez que o aperfeiçoamento do corpo, entendido como depuração das vicissitudes da vida mundana, é imprescindível para o aperfeiçoamento moral do ser humano, combater as causas primeiras do assassinato animal - a avareza e a gulodice - é dever primordial do verdadeiro cristão. Tolstói descreve com minúcia a execução de bois, novilhos, bezerros e galinhas em açougues e abatedouros para ressaltar os aspectos imorais e criminosos do mercado de carne. (*O primeiro degrau*, I e X)

4. Em *O reino de Deus está em vós* (1893), a ideia de resistência não violenta, mais tarde uma importante força motriz do processo de independência liderado por Gandhi na Índia, é defendida por Tolstói contra o “círculo de violência” vivido pela sociedade. Que métodos, segundo ele, os governos e as elites dirigentes empregam para perpetuar o domínio pela violência?

Tolstói enumera quatro métodos: a intimidação, operada pela sacralização das instituições e as conseqüentes e violentas punições aos que ousam profanar a ordem estabelecida; a corrupção, que dociliza os funcionários do Estado e facilita a submissão do povo; a hipnotização do povo, associada às superstições religiosas e patrióticas difundidas pelos governos, causadoras dos sectarismos e das guerras; e o recrutamento de soldados, policiais e verdugos adequados à repressão e ao extermínio. (*O reino de Deus está em vós*, VIII)

5. Na carta a seu amigo norte-americano Ernest H. Crosby (1856-1907), datada de 1896, Tolstói defende a não violência como consequência inevitável do triunfo do cristianismo. Segundo o escritor russo, em que consiste o fundamento moral dessa doutrina, e, dentro dela, como a vida pode adquirir um sentido racional?

Para Tolstói, a doutrina cristã consiste basicamente em “aquilo que uma pessoa deve fazer para realizar a vontade daquele que a enviou para a vida”, isto é, Deus. Sem que se possa admitir a imposição pela força de quaisquer preceitos religiosos, a realização plena e racional dessa vontade somente pode ser obtida com a compreensão de que o desespero e o sofrimento não são inerentes à vida. Partindo da negação peremptória da mera “satisfação mundana”, Tolstói afirma que o cumprimento das leis do amor e “da resistência não violenta que dela emana” é um meio, e não o fim do caminho proposto pelo Criador. (*Carta a Ernest Howard Crosby*)

6. O que é o autoengano promovido pelas ciências experimentais, denunciado em *Ciência moderna* (1898)?

Tolstói, neste prefácio a uma tradução do artigo “Modern science: a criticism”, do poeta e ativista britânico Edward Carpenter (1844-1929), acredita que o estudo empírico dos fenômenos por meio de sua comparação com objetos-modelo resulta em generalizações grosseiras. O distanciamento que o método científico implica é criticado pelo escritor russo com a imagem de “alguém que deseja compreender o significado de um objeto que está diante dele” e prefere afastar-se, “em lugar de aproximar-se, examiná-lo por todos os lados e tocá-lo”. Trata-se do autoengano a que a redução mecânica dos fenômenos de ordem superior a fenômenos de ordem inferior conduz. (*Ciência moderna*)

7. A pequena narrativa sobre o cotidiano degradante dos operários e camponeses inclui integrantes das classes dominantes, que passam indiferentes pelo panorama miserável no fim da primeira parte de *Mas precisa mesmo ser assim?* (1900). Alguns deles viajam num veículo curiosamente associado, poucas décadas depois, às próprias classes trabalhadoras. Qual é ele?

A bicicleta, um equipamento caro e restrito aos privilegiados, como Tolstói ressalta ao descrever o brilho niquelado de suas partes. A velocidade do veículo no início do século XX ainda era capaz de assustar os humildes pedestres das estradas russas. (*Mas precisa mesmo ser assim?*, 1)

8. *Patriotismo e governo* (1900) é uma análise da ação perniciosa do misticismo patriótico, então no auge. Questionando a falsa distinção entre “bom” e “mau” patriotismo, como Tolstói explica sua natureza danosa com respeito à história da humanidade?

O escritor acredita que se trata de uma questão de tempo até que todos os países se libertem da tirania da ideologia patriótica e do nacionalismo, causas dos massacres e usurpações dos outros povos. Tolstói explica que a evolução histórica da coletividade, assim como a dos indivíduos, presume um caminho escalonado, em que determinados degraus só podem ser vencidos no momento oportuno. Tal como a emancipação dos operários, a igualdade de direitos para as mulheres e a abolição do consumo de carne, a utopia de um mundo sem Estados e livre da tragédia do nacionalismo poderá se realizar. Infelizmente, os acontecimentos pavorosos de 1914-8 e de todo o século XX logo solaparam o projeto ideado por Tolstói (*Patriotismo e governo*, I-II)

9. Na resposta ao sínodo da Igreja Ortodoxa que deliberou por sua excomunhão (1901), Tolstói enumera os defeitos da decisão eclesiástica. Quais são eles?

A excomunhão é “ilegítima ou propositadamente ambígua”; “arbitrária, infundada, inverídica”, caluniosa e incitadora de maus comportamentos. Ilegítima ou propositadamente ambígua porque contrária às normas religiosas e mal redigida; arbitrária porque condena sentimentos expressos por quase todas as pessoas cultas da Rússia; infundada devido à insignificância do número de fiéis supostamente “desgarrados” por Tolstói; inverídica porque mente ao afirmar que conciliações anteriores com o escritor já haviam sido tentados pelos hierarcas da Igreja; caluniosa porque contém afirmações meramente destinadas a atingir a honra do “réu”; e, finalmente, provocadora de preconceito e ódio sectário contra a pessoa do escritor. (*Resposta à determinação...*, 1901)

10. Em “Apelo ao clero” (1902), Tolstói retoma a controvérsia com a Igreja ao tachar os doze dogmas básicos da doutrina ortodoxa de absurdos e contraditórios. De acordo com ele, como os clérigos conseguem manipular a verdade, controlando as consciências de seus rebanhos?

O escritor denuncia os métodos violentos de “doutrinação”,

como o assassinato de milhões de pessoas que professam religiões divergentes. Progressivamente abandonados - a não ser na Rússia de então, como acreditava Tolstói -, esses métodos foram substituídos pela dramatização do espaço dos templos, com música, pintura e excelente oratória, promovidos principalmente a partir da Contrarreforma. Igualmente caídos em obsolescência, tais artifícios são menos eficientes que o terceiro e mais daninho método, a exploração da ignorância de “adultos sem educação formal” e “crianças sem discernimento”, traços então predominantes na população russa e mundial. Por meio da inoculação da absurda “história sagrada” nas mentalidades dos fiéis, as igrejas direcionam suas vidas do modo que convém a seus objetivos de dominação. (“Apelo ao clero”, I-v)

11. O polêmico ensaio crítico “Sobre Shakespeare e o teatro” (1906) questiona a genialidade do bardo inglês, considerando suas peças “insignificantes e francamente ruins”. Qual é o exemplo adotado por Tolstói em sua diatribe? Quais são as principais restrições apontadas?

Baseando-se no juízo unânime e favorável de autoridades como Victor Hugo e Swinburne, o autor escolhe *Rei Lear* como objeto de sua demolidora análise, atacando a suposta excelência da tragédia iniciada em 1606. Tolstói condena a escassa moralidade das situações dramáticas e aponta as deficiências insanáveis de sua verossimilhança trágica. (“Sobre Shakesperare e o teatro”, I-VIII)

12. Nos capítulos XVIII e XIX de *A lei da violência e a lei do amor* (1908), o autor prega a libertação do “pseudocristianismo” e do jugo das instituições do Estado. Como se pode resumir o caminho alternativo que Tolstói elogia?

Por meio do reconhecimento de seu destino espiritual, cada homem deve renunciar ao desejo de “organizar” a vida dos outros - expresso na ambição ditatorial de todos os governos - e adotar, em conformidade, o amor preconizado pela “mais elevada lei religiosa”, a verdade de que tal organização é contrária às exigências da alma cristã. (*A lei da violência e a lei do amor*, XVIII e XIX)

13. Como o pai, que servira na Guerra da Crimeia como oficial do Exército russo, o filho mais jovem de Tolstói, Mikhail Lvóvitch, alistasse como voluntário no final da década de 1890. Entretanto, também como o jovem Tolstói, levava uma vida dissoluta. Em 1895, aos

dezesseis anos, Micha é o destinatário de uma carta “séria, extensa e abrangente”, contendo diversas recriminações paternas a seu comportamento. Quais são elas?

Tolstói critica a completa ausência de princípios religiosos e morais na vida de Micha. Mergulhado na luxúria e na ignorância, o filho não tem sequer o mérito de, com seu desprezo pelas regras sociais da aristocracia e da burguesia, participar do combate ideológico ao *establishment*, posto que sua própria existência parece debochar do trabalho, do amor e dos ensinamentos do pai. Tolstói desaprovee veementemente a relação do filho com uma camponesa, aludida em carta anterior, expressando o desejo de que ele não caia na armadilha de um casamento por mais sete anos, isto é, quando Micha tiver 23 anos - precisamente a idade do ficcionista estreado que iniciava a escrita de *Infância* (1852) no Cáucaso.

Leituras recomendadas

TOLSTÓI, Liev. *Obra completa*. Nova Aguilar, 2004.

STEINER, George. *Tolstói ou Dostoiévski*. Perspectiva, 2007.

The Cambridge companion to Tolstoy. Cambridge University Press, 2002.